

O 50º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE EUCLIDES DA CUNHA

(Conclusão)

percorrer o caminho seguido pelas tropas do General Artur Oscar. Com Euclides da Cunha podemos observar o campo de batalha, como se também nós lá estivéssemos.

Mas, nem só o sertão da Bahia foi abrangido pelas suas descrições. Todo o Brasil foi tomado pela sua pena — das colinas gauchas aos igarapés do Amazonas, dos pantanais do Mato Grosso às margens do Rio São Francisco e aos adustos carrascais nordestinos.

Lendo suas linhas, temos uma visão perfeita do país, não com a aridez dos compêndios de Geografia, mas aliada à poesia que nunca abandonou a alma do escritor.

Porém, chegamos ao máximo quando em seu capítulo "O Homem" nos vem Euclides da Cunha demonstrar seus conhecimentos.

Nesta parte, valioso compêndio de Geografia Humana, como perfeito conhecedor da matéria, nos faz a apresentação de dois tipos perfeitamente antagônicos do homem brasileiro.

De um lado — o sertanejo. Sômente o modo de indicá-lo aos leitores vale todo o trecho em que o defende. "O Sertanejo é, antes de tudo, um forte". Sim, êle nos mostra o sertanejo em sua indolência natural, parecendo um "homem parmanentemente cansado"; mostra-nos como parece em tudo um preguiçoso; como parece um cavaleiro desengonçado, um tabaréu, mal firmando-se na sela e, também, como é propenso à imobilidade constante.

Mas, também nô-lo mostra radicalmente transformado. No caso mostra-nos o vaqueiro nordestino atraz de uma rez desgarrada. Um quê de gigante assoma no sertanejo. Com o seu cavalo, em velocidade incrível, atravessa todo e qualquer obstáculo que se lhe apresente. E, não descança, não desiste, enquanto não traz a rez extraviada para junto das outras. E, então, reconduz-se àquele aspecto triste e desolado com que, habitualmente, se apresenta, parecendo um homem fraco e desanimado, quando, na verdade, êle é. "Antes de tudo, um forte".

De outro lado nos apresenta o gaúcho do sul, apontando o contraste entre os dois.

Mostra-nos o aprumo constante e a perene alegria de viver, com que se apresenta o gaúcho. Expõe o modo pelo qual "passa a vida, aventureiro, jovial, diserto, valente e fanfarrão". Descreve-nos seus trajes habituais e seus trajes de festa, com abundância de detalhes, mas, também nos aponta as razões de ser do contraste com que se apresentam a nossos olhos êsses dois tipos genuinamente brasileiros.

Mostra-nos como o gaúcho, acostumado às grandes planícies de seus campos, livre de empecilhos, não conhecendo os horrores da sêca, da luta para tirar o alimento de um terreno árido e sáfaro, não estragando suas bonitas roupas nas caatingas e carrascais, tem razão em viver satisfeito, em ser de um natural alegre e folgazão.

Quanto ao vaqueiro do norte, a luta pela vida em seus árduos sertões é bastante violenta. A preocupação pela caça ao alimento é constante. Seu trabalho, no meio das caatingas e carrascais, exige que se vista com roupas de couro, bastante reforçadas, para evitar que seja atingido pelos espinhos. Êle não tem tempo para as grandes alegrias; por isso, seu natural é ser triste e macambúzio.

Tudo isso nos conta Euclides da Cunha para justificar, sinão a resistência apresentada pelos fanáticos de Canudos contra as diversas expedições que contra êles foram enviadas, pelo menos suas respectivas situações como marginais de uma sociedade. E, indica-nos o grande remédio para a redenção do caboclo, do vaqueiro do norte, para a dos habitantes do interior do Brasil.

A solução, o remédio heróico, conti-

nua sendo o mesmo que apontamos na época atual — Educação.

Sômente pela educação poderemos redimir completamente o nosso país, pela recuperação do homem de nosso "interland".

Mas, aproximemo-nos do fim desta palestra falando de "Os Sertões", a obra admirável e imortalizadora de nosso Patrono. Não foi sômente a nós brasileiros que ela impressionou. Contamos várias traduções, dentre as quais, uma espanhola — "Los Sertones" — de Benjamin de Garay; uma francesa — "Les Terres de Canudos" — de Mme. Sereth Neu; uma inglesa — "Rebellion in the backlands" — de Samuel Putnam; uma alemã, — de Karl Schwarzenbach, da qual não conhecemos o título e, uma dinamarqueza — "Oproeret paa Hoejsletten" — de Richard Wagner Hensen, o que tem possibilitado a povos de outras línguas o privilégio de ler essa grande obra.

Hoje, 15 de agosto de 1959, em que se completam cincoenta anos em que, balas assassinas fizeram com que silenciasse para sempre o estro literário de Euclides da Cunha, lamentamos a grande perda que teve o Brasil, e prestamos um preito de saudade ao nosso grande e inolvidável Patrono.

Ponta Grossa, 15 de agosto de 1959.

João Alves dos Reis

Do Centro Cultural "Euclides da Cunha"